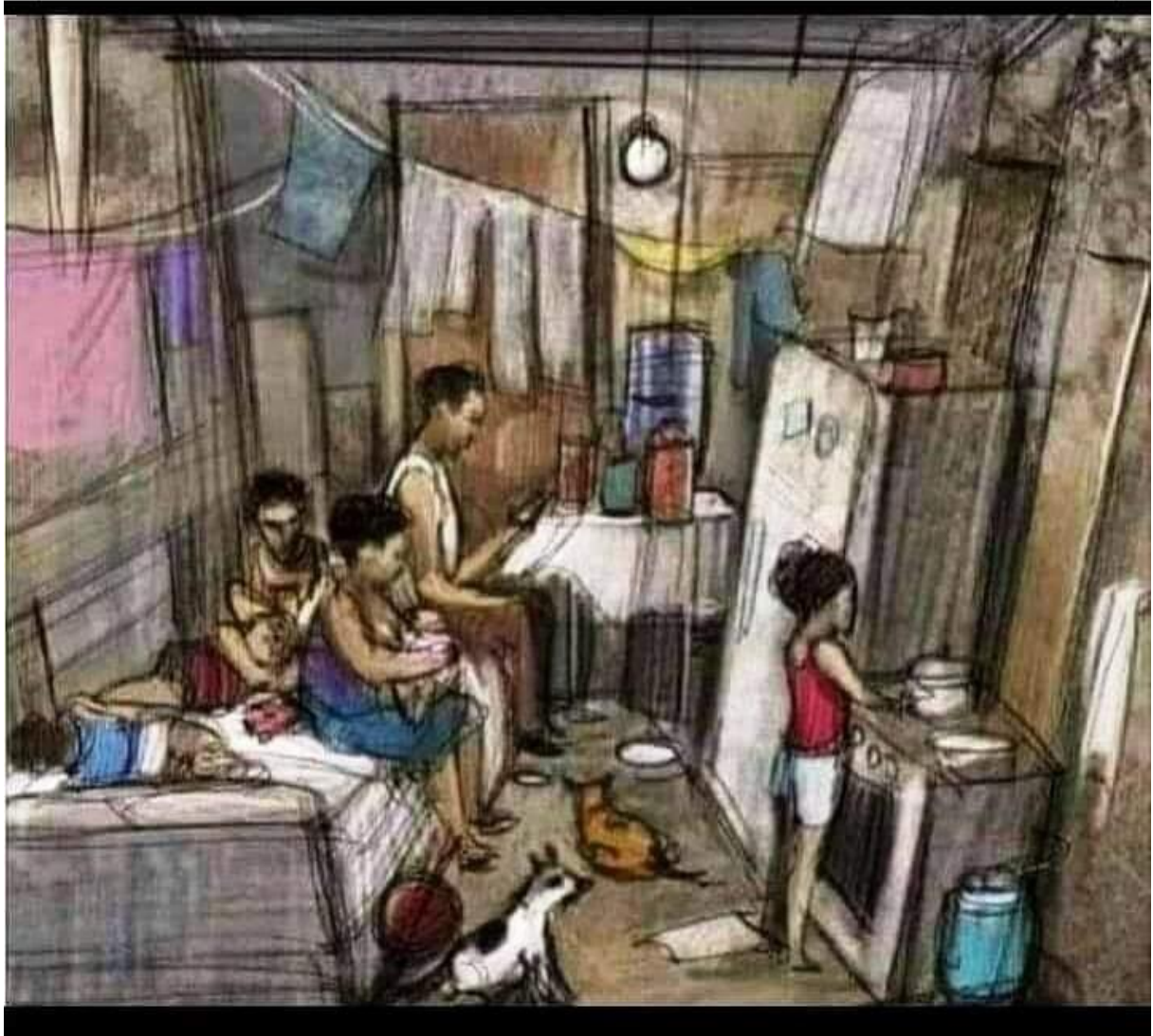


EAD. Acesse a plataforma, faça suas tarefas e envie on line. A educação não pode parar.



QUAL É A VALIDADE?

Eu, João Paulo Dias de Araújo, sou professor de geografia nas redes municipal e estadual de educação do Rio de Janeiro. No início da pandemia, vivenciamos o fechamento total das escolas. Mas logo a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, buscando minimizar o vácuo que ficou entre a escola e os alunos, submeteu profissionais de educação a cursos on-line de formação. Começamos a acessar a plataforma Google Sala de Aula estabelecida pela Secretaria. Produzimos, então, aulas síncronas e assíncronas. Além de usarmos também, como ferramenta de comunicação, grupos no WhatsApp a fim de facilitar a participação de um número maior de alunos.

Confesso que senti de forma ainda mais latente aquela rigidez e aprisionamento do currículo incomodando-me novamente, só que agora, somado a isso, surge um modo operante de produção empresarial focado na prestação de serviços nos quais o professor passa a produzir materiais didáticos objetivos, inserindo-se numa eficiência operacional ilusória, que, na verdade, prioriza justificar e preencher aquele vácuo inicialmente criado pelo isolamento social abrupto. A humanização do fazer pedagógico presencial, foi o que mais me fez falta. Contudo, não foram só frustrações. Mesmo trabalhando remotamente, com turmas esvaziadas, entre as várias experiências que me marcaram, um episódio chamou a minha atenção.

Durante um diálogo inicial com a turma do NEJA I (Educação de Jovens e Adultos) numa das diversas aulas virtuais, estávamos prestes a trocarmos ideias sobre o fenômeno migratório no Brasil e no mundo. Foi aí que uma aluna mergulhou no tema migração e conversou sobre sua trajetória de vida. Ela era uma migrante tentando se estabelecer na “cidade maravilhosa”. Relatou o esforço que estava fazendo para estar ali, acompanhando as aulas, interagindo com os poucos colegas que conseguiam ter acesso as aulas virtuais e on-line.

Éramos apenas cinco, mas o que presenciamos foi uma aula de vida. Percebi ali que quase sempre desvalorizamos os conhecimentos que julgamos “periféricos”. As nossas angústias, por alguns minutos, foram dando lugar à alegria de uma relação mais humana, mais próxima. E a sensação de estranheza do cibernantropo (homem máquina), a relação fria, os caminhos frágeis e incompletos dos fazedores de tarefas, deram lugar ao rico espaço de conhecimentos compartilhados através da fluidez espontânea dos meandros do cotidiano escolar, mesmo que de maneira virtual.

Diante da experiência supracitada, percebi que a validade do currículo só terá sentido quando valorizarmos a realidade vivida pelos educandos. Sendo assim, os silêncios, sejam eles presenciais ou virtuais, precisam urgentemente dar lugar aos vínculos afetivos e às inquietações de saberes no cotidiano escolar.